

Recebe-se artigos e desenhos em carta dirigida à Redacção do **CABRIÃO**—no escriptorio da rua da Imperatriz n.º 20, onde assigna-se e vende-se este jornal aos Domingos, Segundas e Quintas-feiras.

N.º 7
Publica-se
aos Domingos

PARA A CAPITAL
 Trimestre . . . 5\$000
 Semestre . . . 8\$000
 Anno . . . 13\$000

PARA A PROVINCIA
 Trimestre . . . 6\$000
 Semestre . . . 9\$000
 Anno . . . 14\$000

Avulso 500 rs.— Pagamento adiantado.



Sr. Dr. Semana, a sua valiosa e authorisada saudação, é para mim o que o dinheiro é para os avarentos: uma verdadeira preciosidade. Farei por acompanhá-lo na brilhante carreira que leva, no empenho de premiar a virtude e castigar o vicio.

CABRIÃO

S. PAULO, 11 DE NOVEMBRO DE 1866.

O *Cabrião* anda triste. Soube que está para espatifar-se a companhia dramatica, e desde já augura que tem de morrer de tédio, por falta de distracções.

A Minelvina e o Gonçalves, foram-se; o Augusto, a Velluti, a Julia e o José Victorino, estão para ir-se. Ora, contem-nos, o que fica sendo a companhia depois da retirada dessas figuras?

E' verdade que o Mattos fica, e, ficando o Mattos, a escóra é boa; porque esse rapaz tem feito progressos inauditos, e, se não é Joaquim Augusto, é porque se chama Mattos, apellido que tem trazido muitos varões illustres, inclusive o supradito Mattos.

Ora, além do Mattos, ha ainda na companhia outras luzes, como por exemplo, o Montani, cujo talento precóce, assombra; e que, se não tem contribuido para o esplendor da arte, tem influido para a sua decadencia, o que não é pouco. Existem ainda outros lampeões, mais ou menos luminosos, mas a sua luz aproxima-se mais ao azeite de peixe, do que ao kerosene.

As damas, são damas, senhoras do seu nariz. o que hoje em dia é alguma cousa, visto que nas luctas paraguayas, muita gente tem ficado desnarigada.

De toda a louça, só ficam umas tres sopeiras, capazes de figurar em banquete de boas ignarias, e são, o Eloy, Vasques, e Henrique. Ora, são tres, mas conta de tres o diabo a fez, e por isso, e por muitas reflexões que o *Cabrião* calla, fica-se sem companhia.

O que hade fazer o pobre do *critico* sem esse divertimento, embora de algum tempo para cá, ande soffrivelmente chôcho?

Se o *Cabrião* fosse devoto, pegaria das contas e rezaria centenas de mil orações, do fabrico de quanto padre-mestre tem habitado este orbe; mas, o *Cabrião* limita-se á cumprir com os restrictos deveres de bom christão, que é; sem hypocrisia, nem fanatismo.

Ora, fechando-se o theatro, a sua idéa é estabelecer no mesmo edificio um lote immenso (vispora) onde tomem parte todos os leitores desta folha, sem excepção de um. Cobrar-se-ha um barato modico, e será servido um ligeiro chá.

Desta reunião nascerá o estabelecimento de uma prosa interminavel entre todos os assistentes, discutir-se-ha, ao contar das pedras, politica geral e provincial, vida privada, e interesses do *Cabrião*. Cada um terá o direito de expôr a melhor fórma de apparecer o jornal, os artigos que deve conter, a escolha das gravuras e respectivas epigraphes. Então? A idéa parece que é magnífica. Na reunião cada qual tallhará a sua carapuça e todos serão chapelheiros. Isto é o suprasummo da felicidade dos nossos leitores, e a completa ventura do *Cabrião*. Conta elle já com as amaveis prosas dos seus mais amaveis freguezes, e, com as noites esplendidas de contentamento e idéas espirituosas que hade colher para seu ornamento e gloria.

Está a patria salva. Tem o publico distracção, o theatro uzo, a lingua consummo, e o dinheiro emprego.

Gazetilha

SEMANA ILLUSTRADA.—O *Sr. Dr. Semana*, o typo dos redactores sympathicos, espirituosos e independentes, nesta epocha em que a imprensa, diz o que não deve, e cala o que deve dizer, saudou o nascimento do *Cabrião* com phrascas tão eloquentes, que merecem uma honrosa menção nas paginas deste jornal.

O aperto de mão dado pelo distincto *Sr. Dr. Semana* ao *Cabrião*, é um grito de *avante!* partido das rizonhas plagas do Guanabára, é o juramento solemne de uma *duplice alliança*, que deve reinar sempre entre dous soldados que militam sob o mesmo estandarte, entre dous *crayons* que retratam os grandes homens, e caricaturam os homens pequenos.

O *Cabrião* orgulha-se em ter merecido a saudação do *Sr. Dr. Semana* e não recuará ante sacrificio algum, afim de viver longamente, respeitando sempre a sua consciencia.

A' aquelles dos nossos assignantes, que não possuem a *Semana Illustrada*, (crime de lesobom gosto), offerecemos o artigo á que alludimos.

«Rio, 28 de Outubro de 1866.

«Antes de entrar na communicação das novidades da semana, devo cumprir uma obrigação, que já devia ter sido cumprida ha oito dias.

«E' a saudação do novo collega o Sr. *Cabrião*, que, no mez passado, nasceu na Capital da Provincia de S. Paulo, e que, pelas suas qualidades, merece ser annuciado á Côrte do Imperio com vinte e um tiros.

«Joven, cheio de vida, alegre como uma noiva, severo como um Juiz Municipal, justo mais do que o Sr. Justo de S. P...o, espirituoso e satyrico como se tivesse sido baptisado com o sal altico, receba o Sr. *Cabrião* um aperto de mão de um amigo velho e collega o *Dr. Semana*, que se consola de ter achado um collega na imprensa, que de braço dado váe descobrir as fraquezas humanas e rir-se de tudo e de todos os que dão motivos para isso.

«E como o *Cabrião* váe desenvolver-se, tomando posse da humanidade e pé firme na terra de Santa Cruz, achará igualmente o apoio do *Dr. Semana*, representante da Nação inteira e advogado especial de *quem quer que seja*.

«Menino, tóma na tua testa este beijo e lembra-te de que, rodeado do bem e do mal, e atacado talvez fortemente, não deves perder a coragem; e apezar de todos os obstaculos que podes encontrar no teu caminho, hasde viver longamente, respeitando sempre—a tua consciencia.»

PRESIDENCIA.—O *Cabrião* saúda o Exm. Sr. Desembargador Tavares Bastos pela sua chegada á esta Capital, e deseja que S. Ex. encontre somente flôres em vez de espinhos na estrada que váe percorrer.

A epocha é de jesuitismo e de eleições, por consequencia má; porém S. Ex. saberá romper todas as difficuldades com o seu reconhecido talento e rectidão, já provados durante o seu Juizado de Direito nesta Capital. O *Cabrião* que só diz o que sente, offerece o seu fraco apoio ao novo Administrador, e está prompto á queimar o ultimo cartuxo contra os especuladores politicos, que não tardarão a sahir á campo com a sua remessa costumada.

VICE-PRESIDENCIA.—Já foi dito solemnemente pelo *Cabrião* que elle tinha uma idéa á sustentar e por isso fallaria sempre com toda a imparcialidade contra christãos e athêos.

O *Cabrião* louva pois á S. Ex. o Sr. Coronel Joaquim Floriano de Toledo, pela administração imparcial e honesta que acaba de fazer. Assim praticando, não embala o thuribulo da lisonja, apenas faz-se orgam da maioria dos

paulistas, que sempre souberam respeitar o character nobre e generoso do venerando ancião, que acaba de deixar as redças do governo.

Receba S. Ex. um aperto de mão do *Cabrião*, que se é inflexivel contra os abusos, sente verdadeiro prazer em proclamar o merito.

GUARDA-CHUVA.—Ficou no escriptorio desta redacção um guarda-chuva de doze varetas, seda cõr de café e barra rôxa. Parece que tem pouco uzo, porque apenas se lhe veem uns cincoenta furõs e algumas passagens em seis ou sete pannos.

O possuidor de um semelhante traste deve seguramente votar-lhe muita estimação e o *Cabrião*, cioso do seu bom credito, apressa-se á declarar que está elle á disposição do dono e posto sob boa guarda, para que não se extravie objecto tão digno do museo.

Roga-se ao proprietario, que mande buscar-o quanto antes: receia-se correr os riscos á que está sujeito quem tem um thesouro destes em seu poder.

SORPREZA.—Os curiosos tem procurado advinhar, por todos os meios e modos, qual seja a *sorpreza* promettida pelo *Cabrião* aos seus assignantes, para o fim do primeiro trimestre.

O *Cabrião* cede aos empenhos, e faz a seguinte declaração:

A *sorpreza* annunciada ha de ser — a collecção completa das *Chronicas* publicadas ultimamente no *Diario de S. Paulo*, pelo famoso e nunca assás louvado *Lourenço da Silva*.

A referida collecção será reimpressa para tal fim, em formato de livro, não mais sob o pseudonimo de *Lourenço da Silva*, porém sob a firma verdadeira de seu autor.

Este, em obsequio ao *Cabrião*, promette um chistoso *juizo-critico* sobre a obra, e nelle explicará aos leitores e á posteridade, a razão porque chama-se agora *Lourenço da Silva*.

O *Cabrião* acredita, que não podia mimosear seus assignantes com melhor *petisco*.

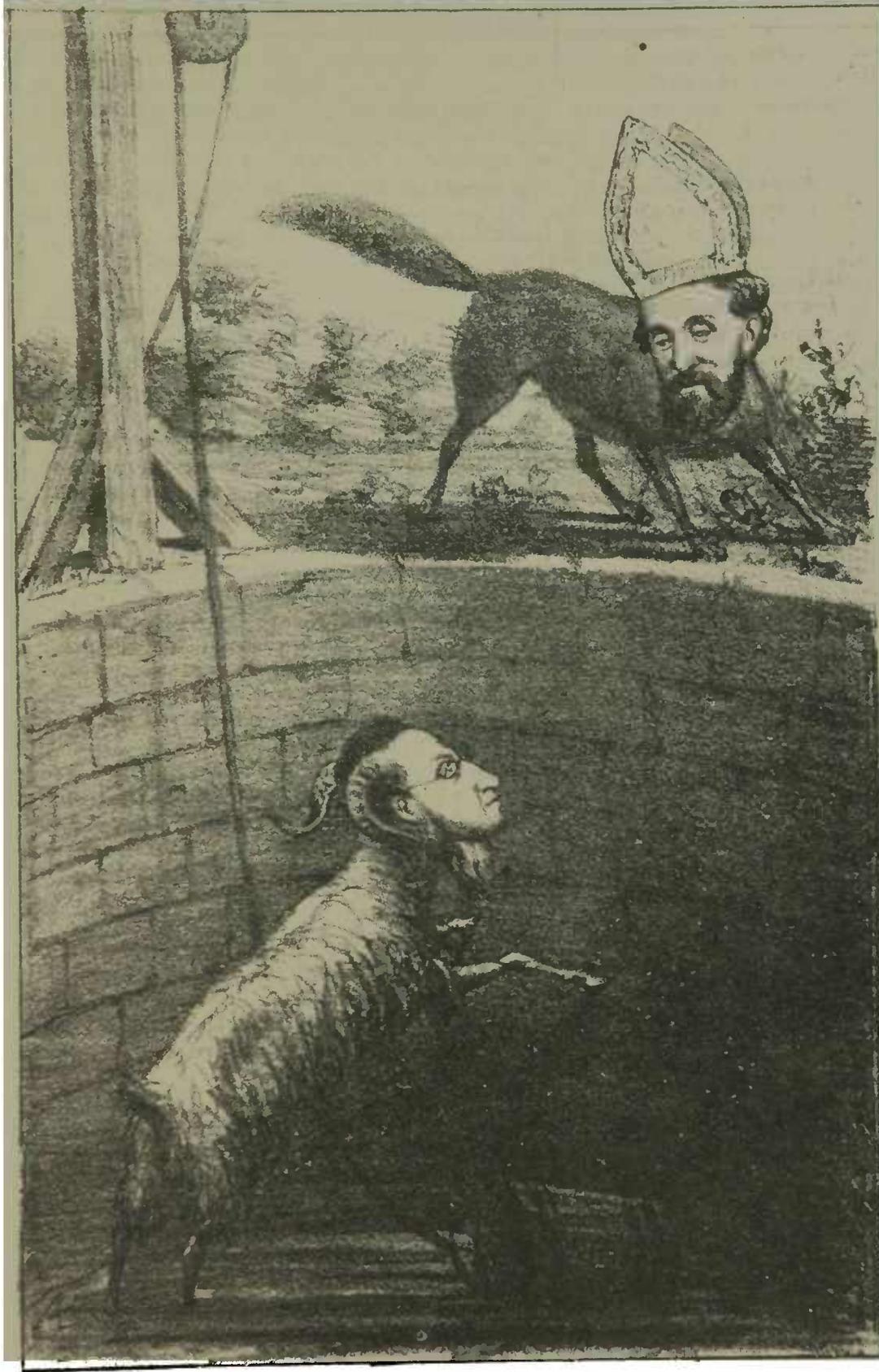
Precisa lêr as ditas *Chronicas*, quem quizer comprehender e pezar o que ha nellas de impagavel, inimitavel, insondavel e assombroso.

Ha opiniões, aliás respeitaveis, que as collocam ainda ácima do *Rámalhetes Poetico*, do tambem distincto, tambem grande, tambem insondavel e tambem assombroso poeta Guimaraes.



QUESTÃO DE MORTOS

Os valentes desforçam-se á unha.—Os sensíveis suicidam-se.—Os pobres de espirito chamam á responsabilidade.



O RAPOSO E O BÓDE

Ao Capitão Raposo acompanhava
 O seu amigo Bóde alti-cornífero ;
 Tanto este curto, e rombo de talento,
 Quanto o Raposo é Juiz do officio em tretas.
 Ambos com sede, encontram poço, baixam,
 E bebem á vontade, e bem bebidos,
 Diz o Raposo ao Bóde :— «Aqui é ella.
 «Não stá tudo embeber. Sahir é o ponto.

«Pés a pino, Compadre, apino os cornos,
 «E encostá-os na parede : eu trepo a geito
 «Pelo espinhaço teu, então levantás
 «Os cornos : co'esse engenho saio, e tiro-te.»
 (Bóde).—Por estas barbas juro, dás no vinte,
 —Louvro os que, como tu, tem cachimonia.
 —Confesso, que em tal trincho nunca eu déra.—
 Salvo o Raposo, deixa dentro o Bóde,

Com sermão longo o exorta á ter paciência.
 (RAPOSO) «Se em cascos te abastasse o céu por dita,
 «Como em barbas te honrou, nunca desceras
 «Ao poço tão de leve. — Eu stou já fórr :
 «Vê se sahes : pões nisso todo o empenho.
 «Tenho negócios, tardar mais não possô.
 «Em tudo sempre é bom ver-lhe a saída.»
 (FABULA DE LA FONTAINE, TRADUÇÃO DE FILINTO ELYSIO).

O *Cabrião* não entra, por sua conta, nestas altas questões de critica litteraria, nem quer estabelecer parallelos odiosos, entre os dous gigantescos vultos da litteratura contemporanea.

Equipará um á outro, de ambos aprecia o alto engenho, e quer de ambos a estima e a amisade.

CASO DE PASMAR.—O cidadão argentino *Candido Silva* proprietario do *Diario de S. Paulo*, denunciou á delegacia da Capital o *Cabrião* por ter atacado a religião, que o denunciante propõe-se á deffender em todos os sentidos.

E' curioso ! Ainda não podemos atinar como hade ser a cousa encabeçada, porque, em verdade, o *Cabrião* tem consciencia de que, em materia de religião, não feriu os artigos do codigo penal, que é unica lei á respeito, e não os codices do jesuitismo, que *piano piano* vão sendo postos á cara das autoridades.

ESTUDO ARCHITECTONICO.—Chegaram á esta Capital, e rezidem no *Hotel Planet*, tres engenheiros botucatuenses, incumbidos pela corporação municipal de Botucatú, de estudar a *Praça do Mercado*, tirar-lhe a planta, etc., etc., para ser construida uma igual na supradita Cidade de Botucatú.

Para o mesmo fim, aquelles senhores estão tambem incumbidos de levantar plantas, dos melhores e mais *elegantes* chafarizes da Capital.

Os *botucatuenses* são merecedores de uma roda de palmas pelo zeloso empenho com que trabalham em favor do seu progresso, intentando transplantar para o seu torrão natal as *bellezas architectonicas*, que possui a Capital da Provincia.

Honra e gloria aos patriotas e progressistas botucatuenses !

THEATROS.—Consta, que a empreza do theatro de S. José váe alugar todos os theatros da Capital, para fazer representações simultaneas em todos elles, e assim dar vazão á copia fabulosa de beneficios, que está devendo á seus actores, e bem assim ao grande numero de *recitas de assignatura* em que acha-se alcançada para com os accionistas.

A' ser exacta a noticia, é de causar um grande alegrão ao povo paulistano, que, além do *Barracão de S. José*, váe ter abertos, e ás suas ordens, mais quatro theatros: o do pateo do

Collegio, o theatrinho de Palacio, o *Theatro-Batuira*, e o theatrinho allemão do Dr. Rath.

E' uma lembrança digna de ser applaudida.

E o caso de dizer-se: *a fartura supprime a qualidade*.

UM DE MENOS.—Dizem as más linguas que o jesuita Fr. João foi despedido, e retirou-se enfadadinho. O que haveria na colméa?.....

«Digam os sabios da escriptura,
Que segredos são estes da natura.»

ATHEISMO.—Tudo nesta Capital está imbuído, ou pelo jesuitismo ou pelo atheismo. Não ha meio termo.

Não houve quem não reparasse no desdenhoso atheismo de certos chapéos, que acompanhavam a procissão do domingo passado, conservando-se desrespeitosamente nas cabeças de seus donos.

Nem tanto, nem tão pouco. Não desejamos que os chapéos cáiam no sordido e grosseiro beaterio prégado pelos ardilosos jesuitas, mas tambem não podemos applaudir tão affrontoso desdem por aquillo que os costumes catholicos da terra, mandam respeitar.

Para outra vez, recommendamos os taes chapéos descortezes á policia.

Esta tem obrigação de respeitar e fazer respeitar a liberdade de consciencia de todos os chapéos em materia de religião; mas não deve consentir, que, á pretexto da mesma liberdade, seja a opinião publica por tal modo vilipendiada.

OVAÇÃO.—Ha tempos á esta parte, a platéa do nosso theatro, que passa por ser a mais espiritiosa das platéas até hoje conhecidas, mostrava uma vontade decidida de fazer uma ovação ao Mattos o *non plus ultra* dos artistas dramaticos.

Felizmente no Domingo passado, a platéa realisou o seu sonho dourado; o Mattos apesar de não ser dia de seu beneficio, e não poder ser chamado á scena, conforme rezam os editaes da policia, appareceu na bocca do proscenio á instancia dos seus admiradores, e foi estrondosamente victoriado com uma roda de palmas daquellas, que costumam receber os Arthur Napoleão, Moniz Barreto, Furtado Coelho, Joaquim Augusto, e outros vultos proeminentes.

A platéa de S. Paulo deo uma brilhante

déa de si, fazendo *justiça* ao seu actor pre-dilecto.

AGRADECIMENTO.—O ^{*}*Cabrião* agradece ás illustres redacções da *Semana Illustrada*, *Bazar Volante*, *Pacotilha*, e *Araçoyaba*, a remessa que se dignaram fazer-lhe dos seus interessantes jornaes.

Historia do Cabrião

CAPÍTULO III

Ha muito tempo devia ter dado aos prélos o capitulo de minha historia. Não o fiz por que o *impossivel* prohibiu-m'o, e o *impossivel* manda e não pede.

Em parte foi melhor assim, porque o esperado é sempre desejado.

Peço attenção para principiar.

No capitulo segundo de minha historia cheguei á narração do que fui aos vinte annos em relação á minha posição social, mostrando como consegui, pelo trabalho, uma vida independente, fazendo-me artista, cidadão parisiense, guarda nacional, votante, pagador de impostos, *flairleur de boulevard*, senhor de meus narizes, etc., etc.

Ainda em relação á esse periodo de minha existencia, não mais pelo lado official e ostensivo, porém pelo lado da vida íntima, tenho de referir algumas circumstancias, que muito influiram sobre meu modo de ser.

Naquella quadra sentia-me completamente só no mundo: meu mestre de pintura e bemfeitor havia morrido, e quasi na mesma epocha minha mãe tambem havia encontrado em uma das *carneiras* de seu convento o unico e possivel consolo que este mundo podia dar aos seus dias de tristezas e soffrimentos. Se estes factos não fizeram-me perder a jovialidade inexgotavel e o instincto satyrico, humoristico e rebelde com que me dotára a natureza, concorreram, entretanto, para desenvolver em meu espirito, um certo habito de vêr e comprehender a sociedade, que antes não possuía.

Neste sentido meu character primitivo modificou-se um pouco. De quasi selvagem e intratavel, que era, tornei-me docil, cortez, e capaz de todos os sentimentos sociaes, que não conhecia anteriormente, em relação á convivencia dos homens.

Desde então appareceu em mim a necessidade de amar e respeitar seriamente a minha posição na sociedade, e de eleval-a todos os

dias mais. Assim, o que era em mim puramente instinctivo e obscuramente expontaneo em relação aos principios do bello, do bom e do justo, á pouco e pouco transformou-se em systema consciencioso e voluntario. Assim, o garçôto fez-se cidadão estimavel e estimado, embora sempre disposto á zurzir sem piedade as fraquezas do proximo, e á guardar como um apanagio inalienavel o direito de rir-se das asneiras e stulticies dos orgulhosos humanos.

Se alguma fé merecem estas sinceras confissões, sirvam ellas de protesto solemne ás calumnias erguidas contra mim, no intuito de caracterisar-me como um igual de Satan, como uma alma de carvão, ou um ente sem alma, unicamente propenso para o mal e para o odio, e como tal somente digno do desprezo e do aborrecimento dos descendentes de Adão.

Repillo de mim semelhante juizo. Tenho o rizo ironico de Voltaire, mas em presença das dôres humanas, esse rizo transforma-se facilmente em lagrima. Tenho no espirito a fonte perenne do sarcasmo, porém sei extasiar-me de admiração ante o que é bello, nobre, generoso e grande.

Eis o que sou, meus leitores, deveis comprehender que a minha preconizada maldade consiste, em grande parte, em não ser um refinado Tartuffo.

Depois da morte de meu velho mestre de pintura, que considerava-me seu filho adoptivo, e como tal legou-me seu *atelier* completo, unica fortuna que possuía, mudei-me para um outro bairro de Pariz, mais populoso que o meu bairro natal, e por isso mais proprio para o desenvolvimento de meus feitos artisticos.

Nessa nova residencia fiz conhecimento com os impagaveis consortes—*Mr.* e *Mme. Pipelet*, que exerciam na visinhança o officio de porteiros, e que mais tarde foram meus sinceros e leaes amigos, depois que habituaram-se ás minhas innocentes brincadeiras, e delibéraram assignar commigo um solemne tratado de alliança e paz perpetua.

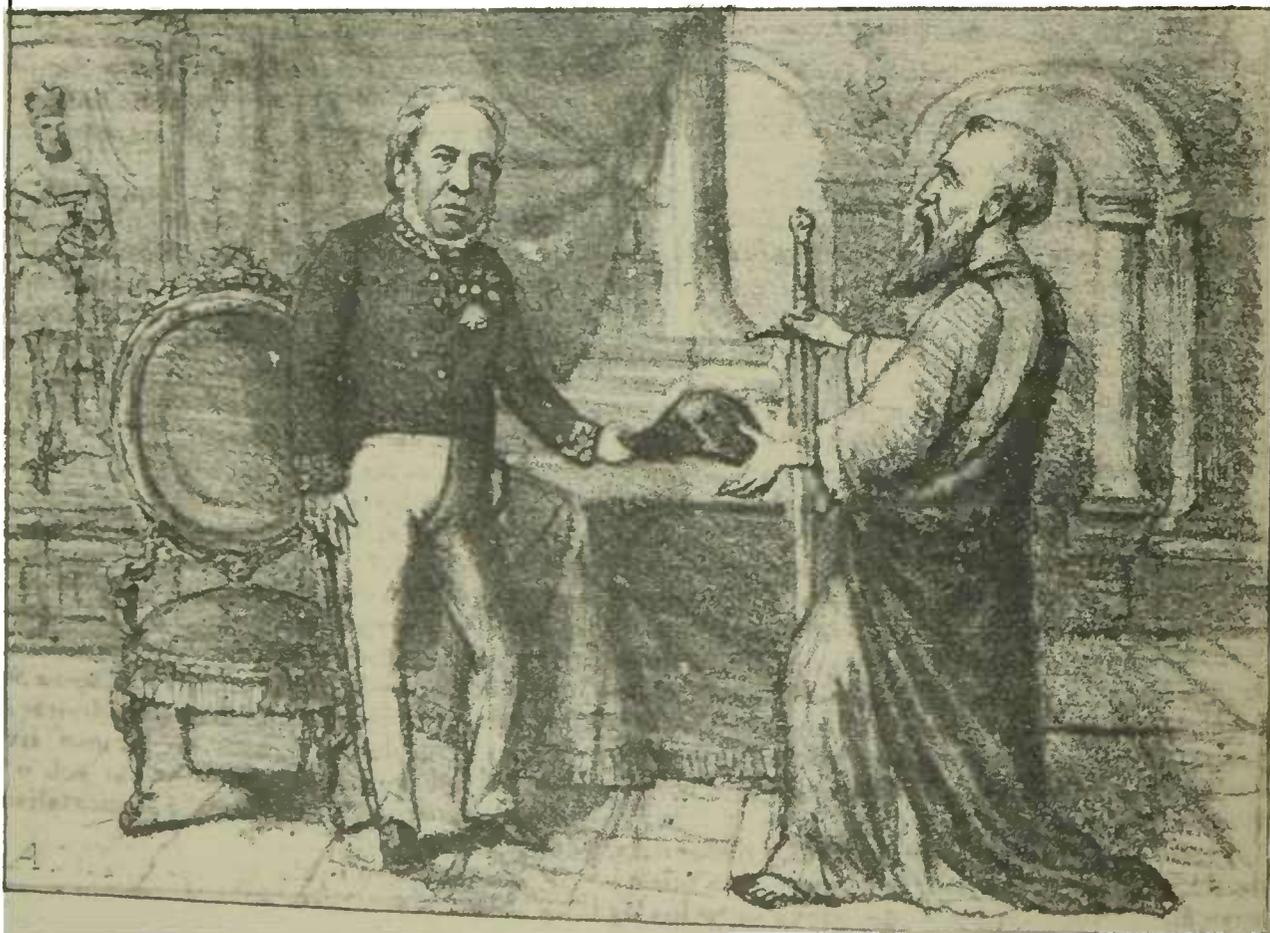
Por intermedio delles conheci e travei relações com o celebre romancista *Eugene Sue*, de quem até hoje recordo-me com admiração.

Por causa delles figurei no famoso livro que vós todos conheceis, publicado sob o titulo de *Mysterios de Pariz*, o que immortalisou-me.

Por agora paro aqui.



O Excellentíssimo Senhor Desembargador José Tavares Bastos,
Presidente da Província de S. Paulo.



S. Paulo agradece ao Exm. Sr. Coronel Joaquim Floriano de Toledo os serviços
que prestou, durante a sua imparcial e honesta administração.

Lith. de H. Schroeder.